

Construindo poder narrativo para justiça social: entrevista com Shanelle Matthews

*Building narrative power for social justice:
interview with Shanelle Matthews*

*Construyendo poder narrativo para la justicia social:
entrevista con Shanelle Matthews*

Diego COTTA¹
Renata SAAVEDRA²

Resumo

Falar sobre transformar narrativas se tornou quase um lugar comum no campo da comunicação por direitos. Mas o que isso quer dizer e como pode estar realmente a serviço da justiça social? Para Shanelle Matthews, é imprescindível que movimentos sociais produzam “poder narrativo”, de modo que possam “expandir a percepção coletiva do que é social, econômica e politicamente possível”. A entrevistada é ativista, comunicadora e professora, e se dedica a colaborar com ativistas, organizações e campanhas de justiça social para inspirar ações e construir poder narrativo. É diretora de Comunicação do Movimento por Vidas Negras (Movement for Black Lives M4BL), fundadora da Radical Communicators Network (Rede de Comunicadores Radicais – RadComms) e professora da The New School, universidade em Nova Iorque. Suas ideias dão pistas para o enfrentamento dos desafios comunicacionais dos movimentos sociais progressistas, rumo à construção de “uma narrativa robusta que sirva de sustentação para um futuro mais libertador”.

Palavras-chave: Narrativa; Mídia; Justiça Social; Racismo; Movimentos Sociais.

¹ Doutorando e Mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense (UFF/Brasil); Graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ); e membro dos Grupos de Pesquisas “MULTIS - Núcleo de Estudos e Experimentações do Audiovisual e Multimídia” e “Juventude e suicídio: percursos midiáticos e suas interfaces com a Educação”, contemplado com Edital FAPERJ de apoio a grupos emergentes de pesquisa no estado do RJ – 2019. E-mail: diegocotta@id.uff.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5388-1652>

² Jornalista e pesquisadora, Doutora em Comunicação e Cultura (UFRJ), Mestra em História (UNIRIO). Graduada em História (UNIRIO) e em Comunicação Social - Jornalismo (ECO/UFRJ). Pós-graduada em Sociologia Urbana (UERJ) e em Gênero e Sexualidade (CLAM/IMS/UERJ). Colabora com organizações que atuam com filantropia para a justiça social e fortalecimento da sociedade civil e da democracia. Email: refsaavedra@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7566-255X>



Abstract

Talking about shifting narratives has become almost commonplace in the field of communication for rights. But what does this mean and how can it really be in the service of social justice? For Shanelle Matthews, it is imperative that social movements produce “narrative power”, so that they can “expand the collective perception of what is socially, economically and politically possible”. The interviewee is an activist, communicator and teacher, dedicated to collaborating with social justice activists, organizations and campaigns to inspire action and build narrative power. She is the communications director for the Movement for Black Lives (M4BL), founder of the Radical Communicators Network, and a faculty member at The New School, a university located in New York. Her ideas bring some important clues to face the communicational challenges of progressive social movements, towards the building of “a robust narrative scaffolding for a more liberatory future”.

Keywords: Narrative; Media; Social Justice; Racism; Social Movements.

Resumen

Hablar de narrativas transformadoras se ha vuelto casi un lugar común en el campo de la comunicación para los derechos. Pero, ¿qué significa esto y cómo puede estar realmente al servicio de la justicia social? Para Shanelle Matthews, es imperativo que los movimientos sociales produzcan “poder narrativo”, para que puedan “expandir la percepción colectiva de lo que es social, económica y políticamente posible”. Mathews es activista, comunicadora y docente, y se dedica a colaborar con activistas de justicia social, organizaciones y campañas para inspirar acción y construir poder narrativo. Es Directora de Comunicaciones del Movimiento por las Vidas Negras (M4BL), fundadora de la red Radical Communicators Network (RadComms) y profesora en The New School, universidad en Nueva York. Sus ideas dan pistas para enfrentar los desafíos comunicacionales de los movimientos sociales progresistas, hacia la construcción de “una narrativa robusta que sirva de soporte para un futuro más liberador”.

Palabras clave: Narrativa; Medios de Comunicación; Justicia Social; Racismo; Movimientos Sociales.

Apresentação

Falar sobre transformar narrativas se tornou quase um lugar comum no campo da comunicação por direitos. Mas o que isso quer dizer e como pode estar realmente a serviço da justiça social? Justiça social é a visão de que todas as pessoas merecem as mesmas oportunidades e direitos econômicos, políticos e sociais. Isso significa reduzir as desigualdades, transformar e reequilibrar as relações de poder e promover reparações históricas.



Para dar conta de um desafio complexo como esse, precisamos “expandir a percepção coletiva do que é social, econômica e politicamente possível”, como nos explica Shanelle Matthews, nossa entrevistada. Ela conceitua essa possibilidade de expansão da percepção coletiva como poder narrativo. Em suas palavras, “poder narrativo para a justiça social é uma abordagem para que os movimentos sociais aproveitem oportunidades políticas, construam intervenções narrativas e fissurem o pensamento hegemônico”. Trata-se de libertar a imaginação – a nossa e das outras pessoas – para “construir uma narrativa robusta que sirva de sustentação para um futuro mais libertador”.

Narrativas são formadas por coleções de histórias – que contamos, que ouvimos, que repetimos e acreditamos muitas vezes sem perceber ou pensar sobre. Como criaturas sociais em busca de padrões, reunimos coleções de histórias que se reforçam mutuamente, estabelecendo um senso comum compartilhado e construindo imaginários coletivos sobre pessoas, lugares, comunidades, culturas, ideologias e instituições.

Essas narrativas são centrais, fundamentais para a nossa compreensão do mundo e para nutrir sentimentos de pertencimento e marginalização, nos fornecem quadros de referência que definem os limites entre o que imaginamos ser possível, provável ou prático. Elas facilitam a interpretação do passado, a compreensão do presente e uma visão para o futuro (KIM; HYNES; SHIRAZI, 2017).

A ativista, comunicadora e professora Shanelle Matthews nos convida a navegar pelas possibilidades e oportunidades narrativas para a justiça social. Partindo do princípio de que todo sistema de poder tem uma dimensão narrativa, e movimentos sociais radicais usam narrativas para reimaginar e reformar o mundo, Shanelle se dedica a colaborar com ativistas, organizações e campanhas de justiça social para inspirar ações e construir poder narrativo.

Ela é diretora de comunicação do Movimento por Vidas Negras (Movement for Black Lives – M4BL³), um ecossistema de 150 organizações que trabalham por justiça racial nos Estados Unidos. Em 2016, fundou a Radical Communicators Network (Rede de Comunicadores Radicais – RadComms⁴) para fortalecer o campo da comunicação

³ Ver <https://m4bl.org/>

⁴ Ver <https://radcommsnetwork.org/>



estratégica, bem como o Channel Black, programa que prepara porta-vozes progressistas para fazer intervenções críticas e em tempo real por meio da mídia. Também integra desde 2017 o corpo docente da The New School, universidade situada em Nova Iorque, ensinando teoria crítica e justiça social com ênfase na resistência negra.

Na entrevista a seguir, Shanelle Matthews compartilha conosco sua experiência a partir do contexto estadunidense, mas há muitos pontos em comum e oportunidades de trocas com comunicadoras/es do Sul Global e do Brasil, particularmente⁵. Shanelle está trabalhando por exemplo na antologia internacional “Framing New Worlds: Resistance Narratives from 21st Century Social Movements” (Enquadrando Novos Mundos: Narrativas de Resistência dos Movimentos Sociais do Século XXI), que reúne artigos sobre como ativistas e comunicadores de diversos países estão construindo poder narrativo para uma visão inclusiva da sociedade.

Entrevista⁶

D. COTTA & R. SAAVEDRA: *Shanelle, você tem trabalhado com vários ativistas, movimentos sociais, organizações e universidades concentrando-se na construção de poder narrativo. O que é poder narrativo e como é trabalhar esse tema nos mais variados espaços?*

S. MATTHEWS: Poder narrativo para a justiça social é uma abordagem para que os movimentos sociais aproveitem oportunidades políticas, construam intervenções narrativas, fissurem o pensamento hegemônico e intervenham para a percepção coletiva do que é social, economicamente e politicamente possível. Uma abordagem de poder narrativo inclui análise narrativa, possibilidades, oportunidades, intervenções e princípios.

⁵ Um exemplo de intercâmbio relevante nesse sentido foi a tradução realizada pela rede Narrativas, que reúne profissionais da comunicação de causas no Brasil, do documento “Comunicação no contexto atual: um guia para comunicadores progressistas” [no original *Messaging this Moment: a Handbook for Progressive Communicators*], escrito por Anat Schenker-Osorio, referência em estratégias narrativas para a justiça social. A publicação original foi lançada nos Estados Unidos em agosto de 2017, cerca de seis meses após a eleição de Donald Trump, e segue extremamente atual. Disponível em: <https://narrativas.org.br/webinario-de-lancamento-da-publicacao-comunicacao-no-contexto-atual-um-guia-para-comunicadores-progressistas/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

⁶ Esta entrevista foi realizada na Língua Inglesa e traduzida para a Língua Portuguesa por Valeria Lima de Almeida. Email: tradutoranegra@gmail.com



Uma abordagem de poder narrativo começa com uma análise da narrativa que estamos nos organizando para mudar, porque todo sistema opressivo tem como fundamento uma ideologia através da qual a desumanização é racionalizada, levando a sofrimento, violência e morte. Uma análise narrativa do poder é “uma linha sistemática de investigação para examinar as histórias que são cúmplices dos poderes constituídos, a fim de melhor desafiá-los”. Se você já fez alguma análise de poder, é na mesma linha, porém nos concentramos nas histórias que sustentam as estruturas de poder. Uma análise narrativa do poder nos encoraja a perguntar: “Quais histórias definem as normas culturais, de onde essas histórias vêm, de quem são as histórias ignoradas ou apagadas para criar essas normas e o que é mais urgente: que histórias novas podemos contar para ajudar a criar o mundo que desejamos?”⁷.

As possibilidades narrativas são espaços limítrofes – espaços transitórios entre narrativas – onde concebemos uma combinação infinita de intervenções narrativas e desfechos. Embora uma possibilidade não seja uma certeza, as possibilidades ampliam as dimensões do que pensamos e acreditamos, de como nos comportamos e interagimos com os outros.

Uma possibilidade narrativa não é o mesmo que uma oportunidade narrativa. As oportunidades narrativas se materializam a partir das condições sociopolíticas ao nosso redor, incluindo como são feitas as pautas políticas, como, quando e para quem os recursos são distribuídos, e as relações e interações entre o povo e o Estado. Podemos aproveitar momentos de ruptura sociopolítica e enfraquecer as narrativas dominantes ou inserir uma nova narrativa. Por exemplo, quando a pandemia da COVID-19 emergiu e as normas de trabalho rapidamente mudaram para milhões de estadunidenses (seja pelo trabalho em casa, uso de máscaras e distanciamento social), os ativistas pelos direitos das pessoas com deficiência valeram-se dessa disrupção para proliferar mensagens que enfraqueceram as narrativas dominantes sobre a cultura do trabalho dominante, que privilegia pessoas sem deficiência. Antigos estrategistas das lutas por justiça social, Doyle Canning e Patrick Reinsborough nos lembram que “intervenções verdadeiramente efetivas vão além de apenas interromper um sistema para desafiar de forma contundente suas suposições ocultas

⁷ Disponível em: <https://www.newtactics.org/conversation/change-story-harnessing-power-narrative-social-change> Acesso em: 6 ago. 2022.



e legitimidade básica”. Os defensores desmontaram e deslegitimaram argumentos capacitistas, ilustrando a rapidez com que as empresas se voltaram para políticas e práticas de trabalho remoto quando os lucros eram ameaçados, em comparação com a lentidão ou falta de resposta quando as pessoas com deficiência faziam as mesmas exigências.

Os princípios do poder narrativo são baseados em valores e fornecem medidas de segurança para a comunicação sobre pessoas, lugares e ideias de maneiras inclusivas e humanizadoras. Por exemplo, usar contra narrativas – ou seja, narrativas derivadas dos indivíduos e comunidades mais marginalizados – nos permite reimaginar a nossa existência e expandir as possibilidades narrativas. Ao fazê-lo, definimos os problemas e soluções de pessoas diretamente impactadas por sistemas de opressão e marginalizadas por esses sistemas. Essas pessoas “têm experiência e perspectiva cruciais para ver e entender claramente o impacto dos problemas que ameaçam toda a nossa humanidade e para liderar toda a humanidade rumo a soluções e futuros alternativos”.⁸ Isso ilustra a conexão entre nossos destinos e rejeita soluções de soma zero ao articular o que os humanos precisam para prosperar e os passos que precisamos dar para chegar lá.

Ao lutar ideologicamente para moldar de forma radical as normas e regras sociais que influenciam nossas vidas, continuamos a ser concorrentes dignos na luta pelos interesses das gerações futuras.

D. COTTA & R. SAAVEDRA: *Em termos práticos, qual é o papel da Comunicação nas estratégias de garantia da justiça social?*

S. MATTHEWS: A comunicação é uma prática e um conjunto de ferramentas que nos ajudam a conceber uma sociedade mais justa e, em seguida, incitar ações significativas para construí-la. Usamos as comunicações para definir a aparência, textura, cheiro e sabor da sociedade do futuro; como tratamos uns aos outros; no que acreditamos e no que não acreditamos; e como entendemos o valor de cada indivíduo e nosso valor coletivo em relação às estruturas sociais ao nosso redor. A justiça social é um universo de possibilidades porque o que acreditamos ser socialmente justo é

⁸ Ver http://movetoendviolence.org/wp-content/uploads/2016/09/Practice-Guide_Margins-to-Center.pdf Acesso em: 06 ago. 2022.



distinto. A justiça social é um bordão popular e até se tornou um jargão à medida que as ideias revolucionárias se espalharam. É cooptada por corporações e políticos insinceros e distorcida até se tornar irreconhecível para as pessoas que a exigiram. A própria justiça foi teorizada até o esquecimento, tanto pela academia quanto pela classe ativista, assumindo muitos significados e formas. Uma abordagem de comunicação para fazer avançar a justiça social – o que quer que isso signifique para você – liberta a imaginação e fornece ferramentas para construir uma narrativa robusta que sirva de sustentação para um futuro mais libertador.

É comum que as pessoas apliquem uma abordagem de marketing ou tomem emprestados elementos de marketing na busca de justiça social. No entanto, é essencial lembrar que as origens do marketing moderno estão enraizadas no controle social. A classe capitalista criou estratégias baseadas no mercado para coagir as pessoas comuns a agir contra seus melhores interesses ou os interesses do bem comum.

O marketing localiza a solução para a estratificação social e econômica dentro do capitalismo, posicionando o consumo como resposta a todas as necessidades materiais e sociais e nos obriga a consumir demais e gastar demais para atender a essas necessidades.

D. COTTA & R. SAAVEDRA: *A interseccionalidade tem sido um conceito e prática cada vez mais difundido nos espaços acadêmicos e políticos. Como isso se reflete nos espaços de Comunicação em que você trabalha e se organiza?*

S. MATTHEWS: Estratégias de comunicação interseccionais são essenciais para a construção do verdadeiro poder narrativo para a justiça social. A interseccionalidade reconhece que categorias de diferença se cruzam para moldar as experiências dos indivíduos e que a identidade é multidimensional. É precisamente porque a maioria das pessoas tem múltiplas identidades que devemos explorar e entender como as histórias e narrativas dessas identidades impactam a forma como experimentamos o mundo e como o mundo nos experimenta e nos entende.

Um exemplo de construção de poder narrativo interseccional dentro do movimento de libertação negra é o avanço de um paradigma libertador negro feminista e queer. Neste paradigma, para abolir as mortes de pessoas negras



sancionadas pelo Estado, histórias e narrativas que levam à morte de mulheres negras ou pessoas transgêneras negras pelo Estado e/ou que as justificam são vistas e entendidas como igualmente cruciais para as histórias e narrativas que levam e/ou justificam a morte de homens negros pelo Estado.

Historicamente, as histórias sobre as mulheres negras nos tratam como bodes expiatórios ou problematizam a nós e as nossas comunidades como justificativa para nossa opressão e são esmagadoramente desprovidas de dignidade e compaixão humana. Essa antipatia em relação às mulheres negras tem se manifestado em tropos, mitos e estereótipos bem estabelecidos e documentados ao longo do tempo. Em conjunto com sistemas e estruturas hegemônicas antinegras, isso leva a interações interpessoais violentas, legislação antinegra e discriminação institucional sistêmica. Isso porque as histórias têm um poder cultural robusto: elas são a espinha dorsal de uma sociedade inclusiva, mas também podem atuar como mecanismos centrais de controle social, desumanização e regulação.

Infelizmente, quando as mulheres negras são executadas por um estado que existe sob a égide da cultura supremacista branca e é seu produto, muitas vezes há uma justificativa pronta para sua morte que se encaixe de forma ordenada em arquétipos pré-determinados através dos quais as mulheres negras são percebidas e compreendidas. Analisar e desconstruir esses arquétipos – mesmo em um nível superficial – nos ajuda a entender como algumas pessoas racionalizam a morte de Breonna⁹ e porque outras pedem justiça.

Uma análise interseccional de poder narrativo fornece uma compreensão fundamental das histórias contadas sobre a estratificação e policiamento social e econômico das mulheres negras nos Estados Unidos que organizam e esclarecem a relação e as interações entre elas. O contexto histórico é um pré-requisito para as estratégias atuais de luta por justiça social. Temos que dizer a verdade sobre o passado para entender nosso presente e construir nosso futuro de forma justa.

⁹ Breonna Taylor, estadunidense de 26 anos, foi morta a tiros no dia 13 de março de 2020 por policiais que entraram à paisana em seu apartamento em Louisville, Kentucky. Sua morte, juntamente com a de George Floyd, provocou protestos em todo o mundo em apoio ao Black Lives Matter. Em agosto de 2022, O ex-detetive do Departamento de Polícia Metropolitana Joshua Jayes e o sargento Kyle Meany foram acusados de crimes contra os direitos civis e obstrução de justiça pelo uso de informação falsa para conseguir o mandado de busca e apreensão que levou à operação que matou a jovem.



D. COTTA & R. SAAVEDRA: *Seu trabalho e ativismo incluem colaborar com influenciadores e agentes de mudança para transformar ideias complexas em mensagens políticas persuasivas. Podemos entender o Movimento pelas Vidas Negras (Movement for Black Lives) como um movimento nessa direção? Como ele se constrói?*

S. MATTHEWS: Há mais de sete anos o Movimento pelas Vidas Negras (Movement for Black Lives – M4BL) continua o legado de organização para a libertação negra. Formado na esteira das revoltas de Ferguson, galvanizado após a morte brutal de Mike Brown, e forjado através de traumas, raiva e poder coletivos, o M4BL é um ecossistema de organizações e formações lideradas por pessoas negras em todo o país que se organizam em torno de um propósito compartilhado de reduzir significativamente a violência estatal, incluindo o terror policial. Estamos nos organizando para acumular um poder político relevante para influenciar as agendas nacionais e locais na direção de nossa plataforma política compartilhada [Visão para as Vidas Negras](#)¹⁰ – uma plataforma abrangente para uma sociedade que valoriza vidas negras, repara os danos passados e investe em comunidades negras.

A equipe de comunicação do M4BL constrói poder narrativo para as ideias, políticas e práticas descritas em nossa Visão para vidas negras. Um elemento de nossa estratégia narrativa de construção de poder é usar as comunicações para fortalecer a organização e os esforços políticos para tornar as comunidades negras mais seguras. Por exemplo, no verão de 2020, na esteira dos assassinatos de Breonna Taylor e George Floyd, milhões de pessoas se mobilizaram para formar o maior movimento de massa contra a violência policial e a injustiça racial na história dos EUA. A indignação coletiva estimulou revoltas descentralizadas em defesa das vidas negras em todos os 50 estados, exigindo o desfinanciamento da polícia e investimentos em comunidades negras. O desinvestimento de instituições nocivas, como o policiamento e o investimento em comunidades negras, é um pilar histórico do movimento de libertação negra. A reivindicação para desfinanciar a polícia permeou as ruas, as vias aéreas, os corredores do Congresso e espaços digitais, e transcendeu fronteiras, regimes, línguas e culturas. Isso chamou a atenção global para os

¹⁰ Disponível em: <https://m4bl.org/policy-platforms/> Acesso em: 6 ago. 2022.



argumentos abolicionistas de que a única forma de evitar mortes como a do Sr. Floyd e da Srta. Taylor é tirar o poder e o financiamento da polícia.

A construção de poder narrativo para o desinvestimento da polícia e investimentos em novas abordagens de segurança pública, tais como o controle comunitário, não acontece da noite para o dia. A história do papel da polícia para manter a “lei e a ordem” e como mecanismo primário de segurança pública tem sido normalizada há muito tempo na mitologia americana, bem como através da educação e da cultura popular. A crença disseminada no papel e na necessidade do policiamento prospera hoje devido uma rede de valores, crenças, histórias e narrativas interconectadas que lhe dão poder e permanência.

A história que o poder dominante não conta é que o policiamento sempre foi racializado. A dominação racial ajudou a garantir toda a estrutura social da qual as instituições capitalistas (como as monoculturas lucrativas) dependiam. Instituições como policiamento, encarceramento, patrulhas de escravos e vigilância de imigrantes, todos sustentam essa estrutura social a fim de mantê-la estável. Essas instituições distribuem risco e segurança de modo a tornar a sociedade segura para alguns às custas de outros – com a raça muitas vezes ajudando a organizar quem é quem.”¹¹ O papel inicial da polícia era controlar os escravizados, a primeira força de trabalho explorada nos Estados Unidos para garantir o poder econômico na era pré-industrial. Esse legado continua hoje com a polícia trabalhando para proteger a propriedade e o *status* dos americanos brancos mais ricos enquanto injustamente estigmatiza e assedia pessoas negras, imigrantes, transgêneros, pessoas sem-teto e outras comunidades estrategicamente oprimidas e sub-representadas.

Para organizar as pessoas rumo a uma nova compreensão da segurança pública, temos de expor o perigoso e escondido ponto nevrálgico do policiamento americano e como ele impõe as regras da supremacia branca. E, igualmente importante, temos de demonstrar como os orçamentos policiais inchados e a violência policial descontrolada nos ferem a todos, não apenas às comunidades despossuídas e reprimidas. Fazer com que novas abordagens à segurança pública se tornem senso comum é um trabalho duro, porém um passo crítico no início dessa

¹¹ Ver <https://mdcdsa.org/nightschool/resources/police-police-unions-and-racial-capitalism/> Acesso em: 6 ago. 2022.



jornada é tornar centrais as contra narrativas das pessoas mais próximas à opressão, porque, como Ken Plummer (2019) nos lembra, das condições profundas de dominação e exclusão, as pessoas criam seus próprios insights, compreensões, conhecimentos e narrativas.

Ideias que parecem “impossíveis” ou “extremas” podem não ser implementadas imediatamente, mas a história mostra que quando as pessoas enfrentam uma crise, elas procurarão soluções novas e anseiam por algo diferente. Você coloca ideias com uma visão de longo prazo para a mudança. Você prepara as pessoas e então algo acontece que faz com que uma ideia louca pareça factível.

D. COTTA & R. SAAVEDRA: *Qual é o papel das mídias sociais digitais no trabalho de engajamento social em favor de agendas emergentes baseadas em direitos?*

S. MATTHEWS: O ativismo digital, incluindo *hashtags* para conectar pessoas e ideias, fornece às comunidades rotineiramente excluídas ou vitimizadas por instituições de mídia tradicionais e de elite uma plataforma para falar nossa verdade em nossas próprias palavras. O ativismo digital também complexifica narrativas que refletem apenas um único ângulo subjetivo, trazendo histórias mais matizadas.

Histórias e contação de histórias são os pilares de uma sociedade inclusiva; como as contamos define quais vidas são valorizadas e quais não são. Infelizmente, da escravidão até a persistente e descontrolada violência policial, as instituições de elite da mídia nos EUA têm sido continuamente cúmplices no reforço de narrativas antinegras e estereótipos que problematizam comunidades negras e nos pintam como inferiores e perigosos. Enquanto obter justiça para os oprimidos for, por si só, insuficiente, as mídias sociais constituem um antídoto para esse veneno.

No caso de Michael Brown, depois que o policial Darren Wilson o matou, a mídia o transformou de uma vítima de violência policial em um criminoso negro cuja morte era justificada. Histórias compartilhadas nas redes sociais de Ferguson e em outros lugares rejeitaram o modelo pronto que a mídia frequentemente arma contra vítimas negras de violência policial. Em vez disso, as contas de mídia social espalharam uma contra narrativa que humanizou Michael e contou uma história mais completa.



As mídias sociais também fornecem um mecanismo para conectar pessoas com mentes semelhantes, organizando-se em esforços iguais ou similares em todo o mundo. Esta rede dá aos ativistas um lugar para compartilhar e comparar histórias de luta revolucionária e estratégias para combater as forças adversárias, como as de segurança pública. Por exemplo, durante a revolta de Ferguson em 2014, ativistas palestinos deram aos ativistas de Ferguson conselhos práticos sobre como lidar com gás lacrimogêneo.

Quando ativistas e organizadores espalham contra narrativas nas redes sociais, essas histórias desestabilizam a propaganda adversária e enfraquecem as narrativas dominantes. Uma maneira que o *status quo* se mantém no poder é apoiando-se em histórias e narrativas que reforçam sua visão de mundo e usando essas histórias para nos colocar uns contra os outros. O papel do poder narrativo para a justiça social é expor a falibilidade nos argumentos da oposição e afirmar nossa realidade e verdade.

Referências bibliográficas

KIM, Jee; HYNES, Liz; SHIRAZI, Nima. Foreword. In: **Toward New Gravity: Charting a Course for the Narrative Initiative**. 2017. Disponível em <https://narrativeinitiative.org/wp-content/uploads/2019/08/TowardNewGravity-June2017.pdf> Acesso em: 6 ago. 2022.

PLUMMER, Ken. **Narrative power: The struggle for human value**. Polity Press: Cambridge, 2019.

★

Esta é uma ENTREVISTA publicada em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.